

CONTRIBUIÇÃO DO LÍDER ESPÍRITA PARA O MOVIMENTO DE REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE

*Raimundo Martins Ferreira**

A regeneração da humanidade tem sido a missão do Cristianismo ao longo da sua história. Essa regeneração se dá no aspecto individual, quando a pessoa se liberta do jugo das aparências e entra no mundo caracterizado pelo conhecimento e pela prática do amor a Deus, a si mesmo e aos seus semelhantes.

No seu trabalho concomitante de levar a Boa Nova a todos e de curar os enfermos, Jesus visava, principalmente, a desenvolver um processo de regeneração da humanidade. Utilizava ensinamentos presentes no Antigo Testamento e os aperfeiçoava, a fim de que fossem melhor entendidos. Um desses exemplos é referente à superioridade da nova justiça: “Ouviste o que foi dito aos antigos: *Não matarás*; aquele que matar terá de responder no tribunal. Eu, porém, vos digo: todo aquele que se encolerizar contra seu irmão, terá de responder no tribunal; [...]” (MATEUS, 5:21-26). Entretanto, Jesus não pôde transmitir tudo o que desejava, devido às condições do povo e ao nível de desenvolvimento da ciência, na época. Reservou esse trabalho para o Consolador que deveria surgir em época propícia. Esse Consolador é o Espiritismo.

O Espiritismo veio acrescentar e tornar mais claro os ensinamentos de Jesus. Mostrar a importância de entender e praticar o amor ensinado por Jesus e refletir sobre a conduta do Mestre nas diversas situações enfrentadas. Com esse entendimento, com essa prática, o homem estaria a caminho de alcançar o Reino de Deus, de conquistar o *status* de regenerado.

Sendo um mundo de provas e expiações, a Terra se caracteriza pela predominância do mal em seu ambiente. Pensamentos emitidos por larga maioria de seus habitantes são constituídos por vibrações pesadas, tornando difícil o surgimento da felicidade, almejada pelos Espíritos que têm trabalhado pelo seu desenvolvimento material e moral. Entretanto, esse é o campo de trabalho dos espíritas. O Espiritismo, com o seu caráter universalista, precisa contar com organizações dotadas de trabalhadores adequadamente preparados, a fim de alcançar as pessoas interessadas em conhecê-lo. Precisa, também, tomar medidas cada vez mais eficazes para que esses trabalhadores incrementem o seu entendimento sobre a Doutrina e melhorem o seu nível de devotamento e abnegação na execução dos seus trabalhos.

Conhecimento e prática espíritas devem, portanto, caracterizar a vida dos trabalhadores da Doutrina. Quando isso se torna natural, o espírita já formou uma atitude, uma convicção, em que o amor a Deus e aos seus semelhantes é a sua base principal.

O trabalhador espírita, que vê o Cristo como o modelo a ser seguido, deve se esforçar para agir como um educador, independentemente da função que exerça na organização. Esse papel educacional se torna mais significativo quando o trabalhador é visto como líder, capaz de influenciar, com frequência, as percepções de seus pares sobre diferentes assuntos tratados coletivamente.

Mas, para se tornar um líder espírita educador, o trabalhador deverá, no desempenho de suas atividades, observar os princípios de fraternidade, de solidariedade, de igualdade, de caridade e de humildade.

Neste trabalho, propomos demonstrar como o trabalhador, no papel de líder

* Diretora Diretoria de Apoio ao Trabalhador da Fundação Allan Kardec.

educador, pode contribuir para o movimento de regeneração da humanidade.

Entendendo Liderança

Em um grupo de trabalho, o que distingue o líder dos outros participantes? Suponhamos que o grupo precisa apresentar sugestões para a solução de um problema, como surge o líder? Sabemos da necessidade de planejamento para enfrentar desafios que o grupo periodicamente experimenta. Quem decide o que fazer e como fazer? Como deve se desenvolver o processo de decisão?

O líder surge na organização com a capacidade de influenciar mudanças nos trabalhos individuais ou coletivos. Liderança, conseqüentemente, é esse processo de mudança, é essa habilidade de antecipar, iniciar e implementar mudanças; de facilitar o surgimento da excelência que existe no indivíduo (McFARLAND, SENN & CHILDRESS apud BASS, 2008, p. 15). O indivíduo que detém uma função de comando na instituição desempenha ou não o papel de líder. O cumprimento de tarefas específicas de um dirigente tal como, estabelecer meios eficientes para atingir objetivos organizacionais ou aprovar o calendário para ser observado pelos membros da organização não são exemplos de atividades de um líder. Isso é um dos atributos da função. Entretanto, o dirigente que demonstra capacidade para conquistar apoio desses membros para construir um ambiente de trabalho agradável está exercendo o papel de líder. A liderança também emerge de situações em que o indivíduo é percebido como o que detém influência sobre o grupo. Isso acontece em trabalho de grupo no qual o indivíduo, devido ao seu grande conhecimento sobre determinado assunto e a sua seriedade na solução de problemas, conquista a adesão dos demais participantes. Neste trabalho, a liderança será entendida independentemente de o indivíduo deter ou não uma função de comando na organização.

...e a Educação?

“Educação engloba os processos de ensinar e aprender” (EDUCAÇÃO). É uma definição que requer alguns questionamentos. Ensinar o quê? Como ensinar? Para que ensinar? Essas perguntas se repetem quando nos referimos ao processo de aprender.

O ensino pode se referir à aquisição de informações sobre conteúdos das diferentes ciências e filosofias, limitando-se à instrução ou pode incluir aspectos que visem ao desenvolvimento moral do indivíduo. A questão é determinar sobre o tipo de homem que se pretende formar: o homem que se satisfaz em repetir conhecimentos consolidados ou o homem curioso, amante da sabedoria e que, por isso mesmo, analisa criticamente tudo o que lhe for apresentado para estudo?

No primeiro caso, do homem acomodado, o mundo para ele não é mais do que o que os seus sentidos básicos podem captar e o que o seu poder mnemônico pode reter. Aplica as leis humanas e divinas como lhe são passadas. Contribui para o sucesso da organização ou para o grupo em que está inserido acolhendo as recomendações que lhe foram feitas. É um excelente defensor do *status quo*, porque evita mudanças. E, quando as mudanças são inevitáveis, entrega o seu destino à divindade.

O homem crítico procura entender todos os aspectos possíveis das propostas que lhe são apresentadas. A sua decisão sobre o objeto em análise é tomada quando o mesmo for entendido de maneira clara e distinta, uma vez que o seu compromisso é agir de maneira responsável em todas as atividades que participa, nunca esquecendo que as conseqüências dos seus atos irão além do ambiente que

está inserido. É sensível às situações e coisas que o mundo lhe apresenta porque sabe que Deus trabalha com “preciosidades”, esperando tão somente que cada homem utilize da sua inteligência para compreendê-las. (Xavier, 2000, p. 61-62)

Comentando a Questão 685, em *O Livro dos Espíritos*, KARDEC destaca a educação como “a arte de formar caracteres “ e como “o conjunto dos hábitos adquiridos”. Salienta, ainda, que

o homem terá no mundo hábitos de ordem e de previdência para consigo mesmo e para com os seus, de respeito a tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos. (KARDEC, 1995a, p. 331)

No mesmo livro, comentando a Questão 917, KARDEC vê na educação “a chave do progresso moral”, o remédio que cura o homem do egoísmo, o qual é visto pelos Espíritos, como a imperfeição humana mais difícil de ser erradicada.

Assim, podemos dizer que o homem educado, o homem esclarecido é crítico, porque se responsabiliza pelos seus atos; é moralmente elevado, porque pensa e age com a atenção voltada para o bem comum; é feliz porque se alegra com a felicidade do outro. O homem educado tem, em suma, como objetivo precípua, fazer o bem. É, como menciona EMMANUEL: “instrumento do bem, chamado à prestação de serviço segundo as necessidades dos que o cercam”. (XAVIER, 1988, p.219)

A prática do líder espírita educador

Para se agir como educador, pressupõe-se um desenvolvimento moral superior aos demais participantes do grupo. Entretanto, o líder surge de acordo com a situação que está sendo vivenciada por esses membros. Quem é o líder em uma situação, pode não sê-lo em outra. Além do mais, a prática educacional é um processo de ajuda mútua. Quando se ensina também se aprende; ajudando o outro a crescer estamos igualmente crescendo. Assim, em um trabalho participativo, todos têm capacidade de ensinar e de aprender, embora em níveis diferentes.

A prática do líder espírita educador pressupõe o uso do diálogo. O uso do monólogo é inadequado no processo educacional, embora muitas pessoas supostamente líderes não se apercebam disso. Confundem ajuntamento com participação, educação com imposição, debate com diálogo.

No diálogo, os participantes constroem, coletivamente, a solução de um problema. A sugestão de um membro é completada ou substituída com a sugestão de outro. Cada membro é livre para ouvir e ser ouvido, de se sentir um igual no grupo, sem receio de questionar quando precisar de maiores explicações sobre o assunto tratado. É um exercício no qual o importante é o progresso intelectual e moral de todos, sem perder de vista a necessidade de atingir o objetivo da organização, assumido pelos seus membros.

O líder espírita educador tem interesse no progresso do outro. A sua felicidade consiste em aprender mais sobre o que a vida lhe apresenta e, principalmente, em constatar que o outro está progredindo, libertando-se das amarras da ignorância. Cada sinal de progresso do outro lhe faz sentir bem e estimulado a contribuir melhor para o bem que deseja fazer. Sente-se um estudante em contínuo progresso com grande disposição para servir aos que participam da sua vida, mesmo aqueles que apresentam dificuldades para superar alguns de seus vícios. Desta maneira, o líder espírita educador se esforça para superar as

circunstâncias, procurando atender a recomendação de EMMANUEL: “Se a maldade enodoa essa ou aquela situação, faz o melhor que possas para que a bondade venha a surgir. Segue entre os homens, abençoando e ajudando, ensinando e servindo”. (XAVIER, 1987, p. 157-58)

Nas situações em que o outro apenas se interessa em receber, apresentando dificuldades para servir, o líder espírita educador mantém a sua atitude de bondade e compreensão, pois sabe que a aprendizagem de cada pessoa tem o seu próprio ritmo. Uns aprendem rapidamente outros necessitam de um largo período de tempo para apreender as primeiras noções de um ensinamento. Além do mais, se o ponto de interesse da pessoa dificulta o entendimento de necessidades mais complexas, o processo dialógico precisa se limitar ao que tem maior apelo no momento. A libertação do homem é urgente, mas não apressada.

Em busca da regeneração

Na sua prática visando à regeneração da humanidade, o líder espírita educador deve manter a sua opção de seguir um caminho que facilite a observância de princípios como a liberdade, a fraternidade, a solidariedade, a igualdade, a caridade e a humildade. Um desses caminhos é o diálogo. Mas, para garantir a aplicação correta do diálogo, o líder espírita educador deve possuir qualidades que o mantém como ponto de referência na apreciação de questões tratadas pelo grupo. Deve se esforçar sempre para melhorar e, um dia, alcançar o status de apóstolo mencionado por EMMANUEL: “Apóstolo é o educador por excelência. Nele residem a improvisação de trabalho e o sacrifício de si mesmo para que a mente dos discípulos se transforme e se ilumine rumo à esfera superior”. (XAVIER, 2000, p. 131-133)

A regeneração é a retomada do caminho que leva o homem à felicidade suprema, característica dos Espíritos Superiores. Nesse processo de regeneração, o homem vai se despedindo das atrações próprias da matéria e se aproximando de mundos mais adiantados.

A regeneração da Humanidade, portanto, não exige absolutamente a renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais. Essa modificação se opera em todos quantos lhe estão predispostos, desde que sejam subtraídos à influência perniciosa do mundo. (KARDEC, 2000, p. 421-22)

Essa modificação, portanto, é alcançada gradativamente, através de práticas contínuas de ações que facilitem a aquisição da cultura voltada para o bem. E, nesse sentido, o diálogo demonstra ser um caminho dos mais eficientes.

Na prática do diálogo, o homem vai sentindo, assimilando, a importância do respeito à liberdade do outro, que pode se exteriorizar pela discordância de pontos de vista e de participar ou não de determinados grupos de trabalho. Nessas situações, o líder espírita deverá manter a posição de fraternidade, a fraternidade que tem sido considerada “a pedra angular da nova ordem social”. (KARDEC, 2000, p. 413-414)

Assim, o mal-estar e a tristeza não terão mais lugar quando as expectativas não forem atendidas, e o relacionamento entre as pessoas será caracterizado pela brandura e pela alegria, pois todos devem estar conscientes da necessidade de participar da realização do trabalho do Pai, que é contribuir para a evolução moral e intelectual de todos os habitantes da Terra.

O diálogo, diferentemente do debate, promove a solidariedade entre os

participantes. As disputas, mesmo sutis, são evitadas, tornando, assim, difícil a promoção do individualismo no grupo. Todos trabalham para que o grupo se mantenha unido. A dificuldade de cada membro é assumida pelo grupo. Essa responsabilidade, entretanto, não anula a iniciativa da pessoa em se libertar dos obstáculos, cuja solução está no próprio indivíduo.

Em um processo dialógico, os participantes são considerados iguais. Iguais em oportunidade de oferecer e receber ajuda e no direito de evoluir juntamente com o grupo. O líder espírita trabalha para que o sentimento de respeito, de direito à participação de iguais permaneçam presentes no grupo, destacando-se que, nesse processo de ajuda mútua, todos se educam.

O princípio de igualdade, por outro lado, está intimamente relacionado ao princípio de caridade. Como é citado em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*

A máxima - Fora da caridade não há salvação consagra o princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência. Tendo-a por norma, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira que adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. (KARDEC, 1995b, p. 250)

Assim, nas dificuldades de relacionamentos entre os membros do grupo, o líder espírita deve agir sempre com paciência, sabendo que todos estão no processo de evolução, em que os erros e acertos são partes importantes. Deve analisar, juntamente com os demais membros do grupo, essas dificuldades, e contribuir para que o processo dialógico se aperfeiçoe cada vez mais.

Quando o diálogo se constituir parte natural na vida das pessoas, o devotamento e a abnegação não serão mais difíceis de se praticar. Essas virtudes, acompanhadas da humildade, em que cada um assimila a sua posição de aprendiz perante aos desafios apresentados, asseguram as necessárias condições para a sua regeneração.

Deste modo, quando o líder espírita, juntamente com todos os participantes de um grupo, agir dialogicamente nos seus relacionamentos e, no processo, observar a aplicação dos princípios de liberdade, de fraternidade, de solidariedade, de igualdade, de caridade e de humildade, e praticar o devotamento e a abnegação, constituir-se-á no homem regenerado. Por outro lado, essa atitude, essa prática terá repercussão na vida daqueles que, cansados de procurar, encontram o caminho para a sua redenção. É o Espiritismo presente na vida das pessoas. É o Espiritismo que tanto nos tem concitado ao trabalho solidário, ao amor, e nos fazendo ver a sua repercussão em toda a humanidade. Nas palavras do Espírito de Verdade:

Nós vos convidamos, a vós homens, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei uníssonas vossas vozes, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do Universo. Homens, irmãos a quem amamos, aqui estamos junto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: Senhor! Senhor!... e podereis entrar no reino dos Céus. (KARDEC, 1995b, p. 23)

Considerações Finais

O movimento de regeneração da humanidade tem sido um dos grandes objetivos de Jesus. No início formou uma equipe de apóstolos, que após receberem os seus ensinamentos, desenvolveram trabalhos de evangelização em diferentes lugares do Ocidente. Outros homens de boa vontade se associaram aos apóstolos e

expandiram o movimento de regeneração, alcançando lugares ainda mais distantes.

Com o advento do Espiritismo, que é o Cristianismo redivivo, o movimento continua. Os apóstolos de ontem são os líderes espíritas de hoje, em que uns transmitem os ensinamentos do Cristo através das palavras e das vivências diárias, e outros, ainda enfrentando dificuldades em superar o apelo do mundo, se esforçam para serem dignos do chamado do Mestre. Independentemente dos seus níveis de desenvolvimento, esses líderes espíritas têm trabalhado com abnegação e devotamento em prol do progresso moral e intelectual de todos que, em conjunto, participam das ações implementadas na instituição espírita. Esses líderes entendem que o movimento de regeneração é essencialmente educacional e vêem no diálogo um dos instrumentos mais eficazes para que o indivíduo pratique a fraternidade, o respeito à liberdade e à igualdade, a caridade, a humildade e outros princípios necessários para se atingir o *status* de homem regenerado. Por isso mesmo quando se diz homem regenerado é o mesmo que dizer homem educado.

A prática da educação espírita, predominantemente auxiliada pelo diálogo, é a contribuição do líder espírita para o movimento de regeneração da humanidade. Essa prática, por outro lado, reflete a confiança incondicional que o líder espírita tem na sua Doutrina, cuja “função na terra é precisamente regenerar o planeta, que está passando, nestes tempos, da fase de mundo de provas e expiações para a fase superior de mundo de regeneração”. (PIRES, 1985, p. 17)

Referências bibliográficas

EDUCAÇÃO. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Educação>>. Acesso em: 14 ago. 2011.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995a.

_____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 111. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995b.

_____. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000.

McFARLAND, L.J.; SENN, L. E.; CHILDRESS, J. R. *Twenty-first century leadership: dialogues with 100 top leaders*. In: BASS, Bernard M. (org.). *The bass handbook of leadership: theory, research, and managerial applications*. 4. ed. New York: FREE PRESS, 2008.

PIRES, J.J. Herculano. *Pedagogia espírita*. São Paulo: EDICEL, 1985.

XAVIER, Francisco C. *Justiça Divina*. Pelo Espírito Emmanuel. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

_____. *Seara dos médiuns*. Pelo Espírito Emmanuel. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

_____. *Fonte Viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000.